

# A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração  
LADEIRA DO CARMO N.º 7  
Expediente à noite

ASSINATURAS:  
Numero avulso \$200 -- Semestre 25000  
Ano 100000 -- Pacote: 12 exemp. 25000

Toda correspondência, vales e registros  
devem ser endereçados à Caixa Postal, 198  
S. Paulo - Brasil

## Em torno da insurreição espanhola

As notícias telegráficas sobre a insurreição libertária de Espanha cessaram como que por encanto. Nestes últimos dez dias nenhuma informação fóra publicada pela imprensa burguesa que nos pudesse orientar sobre a marcha dos acontecimentos ali verificados.

É possível, pôde ser certo até, que, mais uma vez, as aspirações do povo e os anseios de liberdade e de justiça pelo qual se bateram e se baterão heroicamente os libertários espanhóis, hajam sido sufocados em sangue. A tirania terá tido mais uma vez, um triunfo efêmero; as grilhetas e a mordaza serão aplicados como instrumentos de "persuasão" aos heróicos idealistas que ousaram, mais uma vez, enfrentar aos inimigos da liberdade, aos algozes do povo que trabalha e sofre nas fábricas e nas oficinas, nos campos e nas minas. Mas a idéia não se agrida, não se mata. Ela resurgirá. Não se pode, honestamente, deixar de reconhecer a grandeza de propósitos, a firmeza de princípios e a heroicidade de decisão dos trabalhadores e dos libertários espanhóis nessa epopeia grandiosa, nesse cometimento sublime, do qual resulta a beleza do gesto dos que tomaram, como homens conscientes, na luta para firmar perante o mundo e perante a história uma nova forma de vida social, que tem por princípios a igualdade econômica e a liberdade individual.

A revolução social, como a que se está processando na Espanha, não pôde ser comparada ao que comumente se dá o nome de revolução. Os camaradas espanhóis estão forjando para a humanidade uma nova era. E para abater o velho e secular edifício burguês do Estado, da propriedade, não recorrem às clássicas revoluções que são, na sua maioria, golpes de Estado, que são a tomada do poder. Na Espanha os revolucionários anarquistas não querem galgar o poder, nem tomar conta do governo, nem instituir a ditadura deste ou daquele princípio, com este ou aquele rótulo que esconde apenas os interesses de grupos de indivíduos ou facções de partidários.

O ideal pelo qual os anarquistas ibéricos estão lutando é o do comunismo libertário: é para a destruição do Estado e da abolição da propriedade privada. O que se verificou na primeira quinzena deste mês foi uma insurreição popular, uma insurreição que se alastrou por todo o país. É a segunda deste ano. Não será a última, não! Em todos os países, todas as verdadeiras revoluções que marcaram

época na vida dos povos por subverter a estrutura social da humanidade sofreram o mesmo processo: fluxo e refluxo até ao triunfo da nova forma social que as animavam.

Só os ingenuos poderão crer nos absurdos de que o Estado espanhol venceu a insurreição. As insurreições não se vencem; podem ser aparentemente sufocadas, mas quando mal se espera, eis que de novo surgem com vigor, com mais audácia, com mais firmeza no seu embate contra as muralhas do inimigo.

Quando um povo chega a estar saturado de um ideal inovador, quando, como na Espanha, centenas de milhares de homens e mulheres estão compenetrados de um ideal de transformação social, de nada vale opor-lhe muralhas de baionetas nem montões de canhões ou de presidios. A idéia triunfará.

### Aos proletários

A geração atual avança a passos gigantes, involuntariamente, para o abismo de um conflito universal. Todas as nações do mundo conhecem, mas procuram ocultar as causas pelas quais hão de vir os efeitos de uma desgraça mundial.

Essas causas correm, aviltam, degradam e afligem a humanidade. As causas internas e externas dos países; as religiões, que têm por escopo dominar a humanidade, como a vem dominando há muitos séculos com seus ensinamentos errôneos, cujos cultos só têm por fito espalhar os povos para que seus chefes vivam numa eterna opulência. Ela não busca nem, jamais buscou infundir no espírito da humanidade um verdadeiro amor cristão mas sim a nefasta hipocrisia, a discordia dos lares e a ignorância dos povos, além da concretização do fanatismo nos homens cultos quanto ao intelecto mas necios de espíritos e de princípios.

Façamos guerras contra a guerra, transformemos os instrumentos bélicos em instrumentos agrícolas, os homens ociosos em verdadeiros trabalhadores capazes de produzir para o seu sustento e o de suas famílias com a força de seus braços.

Tenhamos uma visão mais ampla da vida. Não sustentemos ociosidades clericais imbuidas de uma falsa religião.

Em suma, sejamos homens e não bonecos. Não nos deixemos governar; governemo-nos a nós mesmos.

Filho do Trovão.

## GUERRA...

*A burguesia e o capitalismo internacional estão preparando uma nova guerra mundial.*

*Reajamos contra a carnificina iminente. Nenhum homem, nenhum ceitil para a guerra fratricida. Guerra á guerra, opondo-lhe a revolução social.*

## NATAL

O natal se aproxima. As mães voltam para as suas vivendas confortando as businas dos autos luxuosos, carregadas de embrulhos, com muitos brinquedos, muitas bugigangas, que a criança em alvoroço espera curiosa, para enfeitarem as suas arvores de Natal.

Não condenamos essa alegria. Ao contrario: nós achamos que o que se faz hoje uma vez durante o ano, tendo como motivo um dia que nada significa, porque ao invés de festejar-lhe o dia de nascimento a burguesia insulta os propósitos humanos do fundador do cristianismo, poderia ser feito constantemente, por qualquer motivo, ou sem motivo nenhum.

O que nós, os anarquistas preconizamos é, justamente, que se generalize essa alegria a TODAS as crianças, que TODAS as mães possam gozar a grandiosa sensação de ver seus filhos alegres, com brinquedos, doces, roupinhas novas e, sobretudo, que nas suas mesas não falte o que comer.

Revoltamo-nos, porque a sombra dos palacios inundados de luz, através de cujas janelas se ouvem cantos festivos, projeta-se na choupanha miseravel do pobre onde a miseria ceifa as vidas das crianças, que deviam rir, brincar, ganhar brinquedos, viver!

E quando vamos analisar com justiça as razões dessa desigualdade, encontramos como resposta apenas isto:

No palacio mora o rico parasita que não tem na vida senão o trabalho de mandar trabalhar e recolher aos cofres o produto daquele que mora na choupana, que passa a vida a trabalhar, e para quem a sociedade só lhe deixa o necessario para não morrer de fome.

E como razão dessa injustiça encontramos o éco lacrimoso de uma seita negra que vive insultando os preceitos do cristianismo, em nome de Cristo, e que nos diz ser essa injustiça feita pela vontade de deus...

E para garantir essa vontade, a burguesia põe entre ela e o proletariado a razão das baionetas e o direito dos canhões.

Mas a burguesia, que tanto excita os sentimentos da miseria com as exhibições dessa desigualdade social, terá um dia, talvez não muito longe, o seu presente de Papá Noel: a revolta das consciencias livres, que hão de instituir para toda a humanidade o direito á vida!

## Um manifesto da Fed. Anarq. Iberica

Durante os acontecimentos da Espanha, muitas de cujas noticias não conhecemos aqui porque a imprensa burguesa tinha interesse em não divulgar os acontecimentos com a importancia que teve, foi distribuindo ao povo o seguinte manifesto, que traduzimos de "La Nacion" de Buenos Aires:

"Chegou a hora da revolução. Chegou o momento ha tanto tempo esperado pelo povo para pôr fim aos seus sofrimentos e á opressão secular.

Vamos para o comunismo libertario. Todos os operarios re-

volucionarios devem prestar apoio á insurreição armada; as mulheres nos seus lares, os trabalhadores nas fabricas, os moços, nas barricadas, todos devem responder ao chamado da Confederação Nacional do Trabalho e da Federação Anarquista Iberica.

Já não deveis respeitar nenhuma autoridade. Aquêles que pertençam ao exercito devem pôr as suas armas ao serviço da liberdade do povo.

Fica abolida a propriedade privada e todas as riquezas ficam á disposição da coletividade.

### AVANTE!

Nesse choque de lutas e de interesses em que se debate o mundo atual, é fantástico o esforço das massas produtoras para conquistar a sua liberdade.

Por toda a parte irrompem no cenário da vida social movimentos de revolta e descontentamento, num esforço herculeo de conquista pela felicidade e bem estar da humanidade.

Na Espanha, submetida varios séculos á tirania jesuitica das monarquias católicas, agora, num arranco supremo de vida ou morte, o povo procura já sacudir de suas costas o fardo pesado da tirania republicana.

Já não se domina mais o povo espanhol pela força e pela violencia.

Nos séculos de tirania que foi exercida sobre ele, o povo espanhol aprendeu, pensando e sofrendo, quanto é grande ser livre, quanto é bela a liberdade.

E essa liberdade ele a vai conquistando através das barricadas, constituindo o último movimento um dos maiores surtos humanos pela libertação do homem.

Avante! pela Revolução Social, que trará ao homem o gozo da sua vida livre!

Argemiro Silveira.

As fabricas, as oficinas, e todos os meios de produção serão tomados pelos trabalhadores e postos á disposição dos Comitês.

As terras deverão ser entregues ás municipalidades livres.

A classe trabalhadora, que atualmente ocupa os cortiços e porões, deverá ocupar de agora em diante, as casas das classes ricas.

O comércio e os negocios passarão a ser administrados pelos comitês de bairros, que hão de abastecer a cidade.

O dinheiro fica abolido, os bancos serão postos sob a ferula do comitê revolucionario.

Fica suprimido o uso da moda, assim como tambem o exercicio do comércio.

A bandeira da Confederação Nacional do Trabalho e da Federação Anarquista Iberica será preta e vermelha, e ondulará sobre os edificios publicos entregues ao povo.

Ficam constituídos grupos armados para a defesa da revolução, que vos oferece os benefícios mais caros e apreciados: a independência econômica e a liberdade."

## ESTRILHAGOS...

### PAPA' NOEL E A CONSTITUINTE

*Estão reunidos as "papás" da gente,  
Empenhados na luta nacional  
Da escolha do varissimo presente  
Que nos vão dar prás festas de Natal.*

*Ha discussões e insultos; certamente,  
Procurando escolhernos, cada qual.  
O brinquedo mais fino e resistente,  
Alguma coisa nova, sem igual.*

*E o genial concilio discutiu,  
Mas por fim, meus amigos, descobriu  
Um presente de gregos bonitinho.*

*Vão dar ao povo a Lei e a ordem, tudo  
Num calhamaço austero, cabeludo,  
Um cabresto e um frade capuchinho...*

FREI JOÃO SEM CUIDADOS.

# Conceitos da autoridade

A autoridade é uma força exterior, individual ou coletiva, material ou moral, que se opõe à liberdade do indivíduo impedindo-o de agir conforme aos impulsos íntimos de seu organismo, sua essência e sua natureza ou restringendo-o a agir universalmente.

Para quem a exerce, a autoridade implica uma ação de poder ou de coerção sobre os outros. Para quem a sofre, implica na ação duma força exterior que o domina, o condena, se substitui à sua vontade.

A autoridade é concreta e física quando se exerce nos fatos, abstrata e metafísica quando se impõe nas idéias.

Sobretudo, essas duas autoridades combinam-se e apoiam-se mutuamente.

Nas sociedades modernas, a força coletiva do número parece dever predominar sem que a liberdade seja aumentada nem a autoridade diminuída. Pelo contrário, a força coletiva, da qual resulta o direito legal não pode constituir-se senão em detrimento das liberdades individuais que a compõem e em proveito da autoridade dos chefes que a representam.

Todas as lutas coletivas, organizadas e comandadas, são por isso mesmo contaminadas pelo vício da autoridade.

Sob o império duma qualquer autoridade, a luta social não é livre e o seu resultado, qualquer que seja, não interessa senão àquela ou àquelas que mandam.

Individualmente, todos os combatentes que se deixam envolver numa luta coletiva estão preliminarmente vencidos pelo princípio ou pelo chefe que os conquistou à sua causa e que os dirige.

São vencidos pela força ou pela persuasão. Se-lo-ão tanto pela vitória como pela derrota da sua causa que não tem para eles sentido, pois que, duma maneira ou de outra, eles não são diretamente interessados.

Quando se combate por Deus, pela Fé, pelo Rei, pela República, pela Patria, pela Revolução e mesmo pela Liberdade, não se combate por si mesmo, nem pela sua própria liberdade. Combate-se por palavras e pelos chefes malignos que se ocultam detrás delas. A vitória, se vitória houver, é fictícia. Assegura-se a vitória do seu partido, da sua clã, da sua patria e daqueles que os comandam, mas nem por isso sai vitoriosa a pessoa mesma.

Demasiado amido esta vitória é paga com a morte dos que mais contribuíram a alcançá-la. Ora, que vitória é essa que termina pela morte dos vencedores? E' evidentemente uma derrota.

Sempre, aconteça o que acontecer, os frutos da vitória não são jamais para os soldados, mas sim e somente para os chefes.

Tivemos disso, recentemente, um exemplo famoso na Europa: Dez milhões de homens morreram em proveito da autoridade daqueles que os comandavam.

Onde a autoridade predomina, não há lugar para o indivíduo, para a liberdade, nem para a vida.

Nos agrupamentos, a liberdade e a autoridade são difíceis de manter em justo equilíbrio. Desde que dois homens estão reunidos, pode-se estar certo que mesmo sem conflito aparente, a autoridade de um se estabelecerá em detrimento do outro.

Isso produz-se tanto nos meios onde, por princípio, a autoridade é prescrita como naqueles onde ela é admitida.

Em certos clãs ideológicos onde a autoridade é teoricamente banida, a liberdade, na pratica, nem por isso é melhor compreendida.

E' um erro acreditar que suprimindo a autoridade de nome, se a suprime de fato. Não acontece assim. Sem o nome ela existe sob formas mais cautelosas, mais hipócritas e muitas vezes mais cruéis e mais violentas.

A autoridade não consiste numa palavra, mas sim num fato. O chefe não é um título: é um homem. Quasi sempre um homem violento ou maquiavélico, que se impõe ou se insinua.

O que caracteriza moralmente os verdadeiros autoritários é a hipocrisia de sua atitude. Nunca eles falam em seu nome, em nome dos seus próprios interesses. Cobrem-se sempre com a máscara dum princípio e não agem senão em nome dos interesses da Patria ou da Revolução. Mas a Patria ou a Revolução não éles.

Não basta pois repelir o nome da Autoridade para estar quite com a consciência.

Não basta também renunciar a exercê-la por si mesmo. E' preciso também evitar constituir-la e facilitar aos outros o seu exercício por excess-

so de credulidade, de docilidade, de servilidade.

Se é abuso que um milhão de homens esperem para agir a ordem dum caudilho que os comande, não é menos absurdo que dez com mil revolucionários esperem para pensar a encíclica do ou dos chefes espirituais que os catequizam.

Logicamente e naturalmente cada um deve agir e pensar por sua conta; o contrario será talvez muito militar, mas nada tem de revolucionário.

Em toda a parte onde houver um grupo de indivíduos, a autoridade está latente em cada um deles sob duas formas elementares que consistem na atividade de uns e na passividade dos outros.

A atividade é conforme com a natureza de todos os organismos vivos. A passividade é atributo das forças inorgânicas.

Enquanto um indivíduo conservar a sua atividade própria sem a subordinar, a ajustar, ou a assimilar à de um outro, a autoridade não é para temer. Basta, porém, que algumas naturezas, as passivas se deixem atrair e absorver por uma atividade mais forte que as assimila e com elas se enriquece, para que o equilíbrio das forças seja rompido e que o fenómeno de aglomeração de onde nasce a autoridade se produza.

Então a tendência gregária do rebanho revela o movimento de aglutinação moral delinea-se, acentua-se; todas as vontades se precipitam, se aglomeram e se imobilizam em torno dum centro ativo, homem ou doutrina. Acabou de fato o movimento da luta e da liberdade.

Este fenómeno mantém-se virtualmente em potencia em todos os grupos humanos e pôde produzir-se em todos os graus.

Em toda a parte onde os homens são numerosos, manifesta-se a tendência para uma formação autoritária mais ou menos ostensiva ou oculta, que é necessário combater. Porque é sobretudo sob a forma coletiva que a Autoridade pôde atingir, com o seu maximum de força, o seu maximum de malignidade.

A autoridade coletiva, a única que seja verdadeiramente nociva, pela enormidade da sua força e o abuso que dela podem fazer as personalidades que a detêm, só pôde ser evitada abstendo-se de a criar, de a formar, quer pelo mando, quer pela obediência.

Mandar é uma tendência expansiva da liberdade individual que procura alargar o seu raio de ação sobre as outras liberdades, cujo dever natural é subtrair-se ao jugo. E' por isso incapaz de constituir a autoridade sem a cumplicidade da obediência.

Se em lugar de recusar-se ao comando como devem, os indivíduos se submetem, é criada a Autoridade. Se os indivíduos resistem e lutam, cada liberdade contém em seus justos limites equilibra as suas atividades e evolui na harmonia sem se mudar em autoridade.

A obediência é a base da autoridade. E' também a sua substancia e a sua força. Sem o complemento das atividades individuais que se lhe submetem e a constituem, a Autoridade nada seria. Sem seguidores não há condutores; sem escravos não há senhores; sem soldados não há oficiais; sem crentes não haveria papas nem religião.

E' portanto, em última análise, a obediência que gera a Autoridade pela adesão mais ou menos voluntaria das liberdades individuais que abdicam covardemente ante quem os manda ou persuade.

A obediência é a negação de si mesmo e da própria liberdade. Depois, como consequência, torna-se uma ameaça para a liberdade dos outros!

A força amalgamada dos obedecedores, dos seguidores, abandonada por eles não é perdida. Constitui uma massa, formando esses monstruosos e inconscientes organismos de autoridade que, ás ordens de homens perversos, esmagam simultaneamente os submissos e os revoltados.

O homem verdadeiramente livre não obedece e recusa-se a mandar, porque desprezaria os que lhe obedecessem.

Só existe um caso em que a autoridade possa ser boa e necessária e a liberdade perigosa: é a criação dos pequeninos. A liberdade das crianças deve, no interesse do seu futuro, ser educada e guiada pela autoridade de seus tutores. Esta autoridade exerce-se contudo pacificamente, biologicamente e afetuosamente, não tem necessidade — será preciso declará-lo? — de gendarmes, de canhões e nada tem a ver com aquela que, patrioticamente, fez massacrar dez milhões de homens para os ensinar a viver.

SIMÃO LARCHER.

De um bolchevista militante, ouvimos alguns conceitos sobre a insurreição espanhola, que merecem alguns reparos.

Não como expressão de um conceito individual, mas por ser uma manifestação da mentalidade doentia dos bolchevistas, que, presos aos maneios da politica de partido, procuram diminuir e desmerecer o esforço e a dedicação dos anarquistas no sentido da renovação social.

Fazendo côro com toda a imprensa reacionária dizem que os anarquistas só sabem excitar o povo para leva-lo á chacinã.

Tamanho despautério só a má fé poderia ditar a homens que fazem parte de um partido onde, desde a famosa SINDICAL ao não menos famoso SOCORRO, tudo é vermelho... como rabanete.

Regosijam-se até que o proletariado espanhol tenha sido "derrotado" neste lance revolucionário.

Isso é desonesto! Essa atitude é própria de réis politiquieiros de balcão e mangedoura.

Os anarquistas de Espanha não pretenderam apossar-se do governo daquêlle país.

Os anarquistas empolgaram a opinião pública com sua imprensa e seus comícios, pregando a abstenção eleitoral, para que o povo não escolhesse, êle mesmo, os seus verdugos, isso como preparativos para a revolução social.

Tudo isso foi feito ás claras, por meio de larga publicidade, declarando de alto e bom som que á primeira ameaça fascista, como reação á sua atividade, iriam até á revolução e assim o fizeram, morrendo e lutando ao lado do povo, como haviam prometido.

Foram vencidos? Não importa. Derramou-se muito sangue?

Sim! Muito sangue generoso foi derramado no solo de Espanha.

Mas, por ventura seria o primeiro? Nenhum partido político burguês e reacionario poderá increpar aos anarquistas a culpa do derramamento de sangue, porque todos êles, têm as mãos tintas dessa seiva fecundamento dos grandes empreendimentos.

Se aos partidos burgueses não cabe choramingar e lastimar como carpidieiras, muito menos razão cabe aos bolchevistas que nestes ultimos quinze anos, têm procurado o fermento das revoluções, provocando-as para se apoderarem das rédeas do Estado, de cujos pincaros poderão exercer a sua ditadura de class, na mais alta expressão de tirania, sobre o povo.

## VIOLENCIAS POLICIAIS

Indiscutivelmente, as autoridades policiais estão perdendo a tramontana.

Nos ultimos tempos tem-se verificado atos de violência por parte dos agentes da Ordem Social, que bem dizem das intenções fascistas do respectivo delegado.

Ha poucos dias na Praça da Sé, em pleno coração da cidade, um grupo aproximado a 20 agentes, agrediram brutalmente o operário Donato de Vitis, prendendo-o e conduzindo-o para o presidio politico do Paraiço.

Movimentaram-se os seus companheiros no sentido de obterem a sua liberdade, e esbarraram com a estúpida maneira dos tempos do Cambuci: as autoridades negavam terminantemente que esse camarada estivesse preso.

Depois de alguns protestos foi posto esse camarada em liberdade, mas ainda hoje pergunta a si mesmo a razão inqualificavel dessa violência.

Nós protestamos energicamente contra os atos de barbarismo da Ordem Social.

# Vida anarquista

Por iniciativa do Centro de Cultura Social, houve no sábado passado, dia 16, uma sessão de debates, em que tomaram parte varios camaradas anarquistas, tais como o prof. José Oiticica, G. Soler e Edgard Leuenroth, alguns bolchevistas e outros estudiosos dos problemas sociais.

Entre as téses em debate, mereceram maior discussão e reparo os temas sobre o CONCEITO DE AUTORIDADE e PRINCIPIO FUNDAMENTAL DO ESTADO.

Foi nos grato observar que esta maneira de estudar os problemas humanos correspondem perfeitamente, mais do que outra qualquer maneira, ao fim que se pretende alcançar.

Aliás, esse sistema vem sendo seguido ha tempo pelo C. E. S., visando dar maior amplitude e esclarecimento ao estudo desses problemas, aos quais não pôde, no momento atual por que atravessa o mundo, estar alheio nenhum individuo, grupo ou coletividade.

Já tivemos oportunidade de comentar nas colunas de "A Plebe" a conferencia do dr. Osorio Cesar, que foi á Russia estudar, possivelmente a forma de enlouquecer. (o dr. Osório Cesar é especialista em psicopatologia) e trouxe de lá um boneco de João Minhôca: a DITADURA DO PROLETARIADO.

O dr. Osorio Cesar foi convidado para assistir, após a sua conferencia, a uma contestação por parte de um nosso camarada, o operário G. Soler.

Mas o dr. Osorio Cesar, que tem uma grande confiança nos seus conhecimentos, mas que não tem confiança na lógica anarquista, achou por bem não comparecer.

Deve convir, o CAMARADA TECNICO dr. Osorio Cesar, que não é uma forma muito intelligente de començar ás "largas massas"? Enfim! são assuntos de familia!...

Vamos dizendo, pois, que o melhor método para se estudarem os problemas da questão social, são, indubitavelmente, os debates francos, com educação e criterio, como, por exemplo, na ultima sessão do Centro. Os temas eram de caráter bastante melindroso, requeriam conhecimentos profundos; e os camaradas anarquistas souberam estar á altura do assunto, dissipando duvidas que porventura subsistissem na mente DUVIDOSA dos nossos "primos" bolchevistas, para quem a liberdade se resume no dominio absoluto das massas pelas garbosos soldados PROLETARIOS do exercito vermelho, aos quais o CAMARADA Stalin dá "palavra de ordem" para garantir o Estado e as instituições burocraticas.

Estas sessões devem ser repetidas, ativando-se assim a obra dos anarquistas, no preparo da sociedade futura.

No Rio foi publicado e distribuido em grande escala o seguinte manifesto:

### "AO POVO EM GERAL

O desemprego e a miseria continuam a agravar-se por todo o mundo. A crise atual é a crise do proprio sistema social capitalista, enredado nas suas mesmas contradicções economicas. Por isso, as medidas tomadas pelos governos são meros paliativos que não alcançam senão um resultado precario. Nenhum melhoramento é licito esperar na situação presente, desde que perdurem as causas do desequilíbrio social. Ao contrario, tudo irá de mal em pior. Seria necessario, para sair dessa situação, a mudança radical do regime, com a abolição do Estado e da propriedade particular e com o estabelecimento de um sistema social novo, baseado na livre organização e federação dos produtores segundo os moldes do sindicalismo revolucionario, a que estivesse afeto o encargo do conforto da coletividade.

Se a alta burguesia não admite esta solução equitativa e única da crise capitalista e defende encarnadamente a posse da riqueza social e se dispõe a perpetuar o seu dominio sobre as demais classes, a humanidade é que não pôde continuar a se sacrificar em proveito exclusivo de um numero diminuto de parasitas. Ao proletariado sobretudo, nenhuma esperança resta de melhor sorte na atual organização da sociedade. Necessario é, pois, que o interesse dos trabalhadores e da humanidade, em geral, prevaleça sobre o egoismo cego da alta burguesia.

Os reis da finança e da industria, aliados ao clero e á casta militar, preparam, com a cumplicidade dos governos, a universalização do fascismo, isto é, a escravidão, o embrutecimento, a impotencia material e moral do proletariado para se emancipar.

Entretanto, as guardas de assalto, as milicias fascistas, as policias especiais reprimem á metralha o descontentamento das massas que comecam a manifestar-se em todos os países sob o império da fome. O sangue proletario comeca a correr em ondas e nada poderão fazer os trabalhadores desarmados contra as forças mercenarias da burguesia, armadas até os dentes. E' necessario, pois, que o povo se arme e que os soldados e marinheiros, filhos do povo, venham em auxilio do povo na ocasião oportuna. Até lá, porém, devem os trabalhadores acolher e propagar em seu meio a idéa libertaria e defender-se dos exploradores de toda ordem — padres e politicos de qualquer rotulo que só pretendem adornar-se e ludibriar-los.

A emancipação dos trabalhadores só será possível pela REVOLUÇÃO SOCIAL. Será obra dos proprios trabalhadores e se concretizará na SOCIEDADE ANARQUISTA. VIVA A REVOLUÇÃO SOCIAL! DE PE'. O' VITIMAS DA FOME! SUS, PELA ANARQUIA! Rio de Janeiro, Setembro de 1933.

### SUPLEMENTO

Junto a este numero de "A Plebe", é distribuido um suplemento publicado por iniciativa e responsabilidade do Comitê de Relações dos Grupos Anarquistas desta Capital.

Recomendamos aos nossos leitores a sua atenta leitura, e chamamos de atenção de todos sobre os propositos altamente praticos que o mesmo propõe para o entrelaçamento de relações entre os libertarios do Brasil.

### CENTRO LIBERTARIO TERRA LIVRE

Por motivos da propaganda, não se realizou na terça-feira passada a reunião do Centro Libertario Terra Livre, ficando para a proxima terça-feira, á noite, no local do costume.

Os componentes deste grupo anarquista devem comparecer todos, porque ha assuntos de interesse para a vida das idéias a tratar e requerem a cooperação de todos.

### CONFERENCIAS DE JOSE OITICA

Por iniciativa do Grupo Editor de "A Plebe" e de acordo com alguns camaradas de Santos, realizou-se no dia 15 do corrente, na sede do Sindicato dos Condutores de Veiculos, uma conferencia pelo camarada J. Oiticica, que, tambem por iniciativa da Liga Anticlerical fez em Campinas, na sede da Liga, outra conferencia, ambas sobre temas de palpitante atualidade, e muito concorrentes.

Aqui tambem, na sede da Federação Operaria, o mesmo camarada realizou uma palestra sobre o integralismo, que já foi noticiada em nosso numero anterior.



## A União

Nenhum operário, por muito inculto que seja, desconhece o valor da união, e todos sabem, também, distinguir perfeitamente, a união obrigatória, (Lei de Sindicalização), da união livre e consciente, partindo do indivíduo para a coletividade.

A primeira não passa de um instrumento governamental, sujeita às diretrizes do Ministério do Trabalho, e, conseqüentemente, não pôde ter valor algum, porquanto, ninguém melhora do que o proletariado tem o dever de conhecer os seus direitos.

A segunda, o proletariado conhece demasiadamente o seu valor, e das inúmeras provas através da história, ha bem pouco tempo tivemos outra dos trabalhadores padeiros, filiados à Federação Operária, em sindicato livre, que, mandando às favas o Ministério do Trabalho, passaram a trabalhar 8 horas sem autorização de "superiores" que querem dar agora ao movimento uma solução de interesse para eles. Na Espanha, o proletariado, unido-se livre e conscientemente, conquistou por suas próprias mãos a jornada de 6 horas de trabalho, e agora, produto da união livre, luta pela conquista da emancipação proletária. Muito embora o movimento tenha sido sujocado materialmente, o germen da insurreição não se apagará nunca no coração dos camaradas espanhóis. O ideal continua, ele não morrerá nunca, e a luta contra os carrascos do proletariado também é imortal, e dia virá em que os camaradas espanhóis, implantarão na península ibérica, e que todo proletariado consciente do universo almeja: a Anarquia.

WALTER CIANCI.

### Sindicato dos profissionais do volante

O Sindicato dos Profissionais do Volante distribuiu aos jornais, nesta semana, o seguinte comunicado, referente à questão das novas cartas profissionais:

"A comissão executiva do Sindicato dos Profissionais do Volante e Anexos, comunica à corporação em geral e seguinte:

Tendo a comissão encarregada levado um ofício ao interventor (como último recurso), pedindo intervir junto ao prefeito para a revogação do acto 537 da Prefeitura, só quinta-feira, dia 21, é que nos será dada uma resposta que julgamos ser satisfatória. Assim sendo, concitamos a todos os chauffeurs em geral a não tirarem as novas carteiras sem que o caso esteja resolvido satisfatoriamente e definitivamente, não traindo os seus companheiros desempregados que não têm para comer nem tampouco para pagar as carteiras. Avisamos também, que não dêem credito ao que dizem por aí, porque não ha praso determinado para a reforma das ditas cartas. Quanto a uma nota dada aos jornais pelo Touring Club do Brasil concitando os motoristas a tirar as suas carteiras, não tem fundamento porque ele não tem autorização para falac e se imiscuir na vida da classe dos profissionais do volante, mas sim dos seus socios, que as podem pagar, e temos a certeza que se estão agindo desta maneira é para prestigiar moralmente a terceiros.

Companheiros: para que indivíduos e organizações interessadas no caso não possam tirar partido desta nossa situação, aguardai o resultado das demarches já tomadas pelo Sindicato, porque se acaso o resultado não for satisfatório na assembléa proxima a realizar-se, determinar-se-á o caminho a seguir.

A Comissão Executiva."

### Sindicato dos Manipuladores de Pão, Confeiteiros e Similares de São Paulo

ASSEMBLÉIA EXTRAORDINÁRIA

Quinta-feira, dia 21, às 8 horas da manhã, realizou-se uma assembléa extraordinária afim de ser retificado o convênio assinado entre a Associação dos Proprietários de Padaria e este Sindicato.

S. Paulo, Dezembro de 1933.

A Comissão Executiva.

### Liga Operária da Construção Civil

(Filial de F. O. S. P.)

Reuni-se amanhã, às 9 horas, na sede social, à rua Quintino Bo-

caíuva, 80, para assuntos de propaganda, os trabalhadores da Construção Civil.

No domingo passado houve animada reunião, tendo sido discutidos varios assuntos de interesse para a classe, e entre outros, ficou deliberado enviar ao chefe de Polícia um protesto da classe contra a prisão do companheiro metalurgico Donato de Vitis.

A Comissão Executiva.

### União dos Artefices em Calçados e Classes Anexas

(Filial de F. O. S. P.)

Segunda-feira, como de costume, haverá reunião da classe, às 20 1/2 horas, no salão da rua, Quintino Bo-

## "A PLEBE" em PERNAMBUCO

O operariado pernambucano está se movimentando no sentido de lutar contra o fascismo brasileiro, procurando arregimentar-se numa organização livre.

A União Geral da Construção Civil de Pernambuco, lançou, ha pouco, um manifesto ao operariado da Construção Civil, do qual destacamos os seguintes trechos:

"Se queres viver, desperta para a luta que dia a dia os tubarões das finanças nos forçam a manter, pois eles também não descansam em tracar planos para acabar com o resto de nossa vida! Até onde devemos mais chegar? sem casa, sem alimentos, sem vestes, sem liberdade, sem direitos associativos e afinal de contas sem nenhum direito à vida! Camaradas! temos, apenas o direito de sermos vagabundos por conta deles, donos do país, que nos baquetes, nos jornais e nos discursos fazem tudo por nós; estamos condenados a morrer de fome, de braços cruzados, porque são eles os senhores de toda a riqueza social e não permitem sequer que aproveitemos o trabalho dos nossos braços. Quando reclamamos os nossos direitos esbarramos contra a violencia organizada, somos presos, deportados, e maltratados nos presidios.

Precisamos lutar, cada vez mais, pela reivindicação dos nossos direitos. Para isso vos convidamos a unir aos nossos os vossos esforços, e sustentar a luta contra o capitalismo, até arrancar-lhe mais estas migalhas, que correspondem às nossas mais prementes necessidades: regularização da jornada de 8 horas; fixação do salário mínimo de 10\$000 para oficiais

e \$8000 para ajudantes; criação da caixa de colocação para os sem trabalho; reconhecimento do nosso sindicato de classe como órgão de ação direta.

Todas essas melhorias serão conquistadas se os operários da Construção Civil não se mantiverem à margem da luta, entrando para o Sindicato, dispondo-se à luta pelas reivindicações sociais da humanidade.

Sala das sessões — Recife, 5 de Outubro de 1933. — A Comissão Executiva".

O integralismo aqui perde terreno, tendo se fundado, recentemente a Ação Pernambucana contra o Fascismo.

O Correspondente.

## Festas religiosas ou festas pagãs?

Não sei como descreminar as festas que ultimamente se têm realizado nesta Metrópole; si bem que analisando-as devidamente, tem mais de pagãs que de religiosas. Começando pela festa da Rua Caetano Pinto, vimos uma turma de indivíduos que além de recolher dinheiro iam prevenidos de uma carroça, anzariando pão, frutas e mantimentos. Decerto a madona ia por uma quitanda!

Depois temos tido festa no Bexiga, no Braz, etc.; agora lhe toca a vez da Moóca. Os festeiros da Moóca usam outra estratégia. Em letras garrafais afixaram um letreiro onde se lê: Auxiliai as obras da vossa Matriz. Estas obras da Matriz da Moóca são as obras de Santa Engracia: não acabam mais.

Eu faço a mim mesmo esta pergunta: que relação existe entre o povo e estas arapucas?

Nenhuma. Porém, estes, malandrinhas, como diria Don Quixote, conhecendo a psicologia do povo, dão um caráter popular a estas explorações, para melhor impressionar aos ignorantes.

Mesmo na Rua da Moóca, noutra parte se lê em letras grandes: Conviva-se o povo a assistir à inauguração da primeira pedra da capela de São Rafael. Esta é de arçomba! Conviva-se quer dizer obséquio, atenção, gentileza enfim; mas aqui se dá o fenomeno contrario: Devia dizer: CONVIVA-SE O POVO A DEIXAR SEUS MAGRÓS NIQUEIS EM PROVEITO DE UMA CASTA DE PARASITAS QUE NADA FAZEM E TUDO CONSOMEM.

Diante de tanta cretinice, a gente pensa e diz: Será que a Humanidade caminha em sentido inverso? Será que retrogradamos aos odiosos tempos da Idade Média? Eu creio que não. Acredito, porém, que apesar de todos os entraves, do apoio que o Estado e o Capitalismo dão à igreja, esta não subsistirá; o mesmo acontecerá à Burguesia. Elas cumpriram o seu ciclo historico, não têm mais razão de existir.

E' uma lei natural das coisas.

A Burguesia, como a igreja, se desenvolveram e impuzeram pela força. Estamos no seculo das luzes, da justiça e do amor. Elas envelhecem dia a dia, caminham para o ocaso e em breve assistiremos á derrocada final do Estado, da Burguesia e da Igreja, que representam a tirania, a opressão e o embrutecimento.

F. AROCA.

## Coleções de "A PLEBE"

Temos varias coleções da fase anterior de "A Plebe" para serem vendidas em beneficio do proprio jornal. Essas coleções abranje o periodo de 18 de março de 1922 á 25 de julho 1924, constando de mais de 60 numeros diferentes.

Essas coleções abranjem o periodo Cada coleção será vendida ao preço de 10\$000.

COLEÇÕES DO 1.º ANO DA PRESENTE FASE: 53 numeros, por 10\$000.

## Como entendemos a liberdade

A historia do homem civilizado, é a historia do conflito incessante entre a liberdade e a autoridade. Cada vitória da liberdade assinala um novo passo no progresso do mundo. Assim, podemos medir o avanço da civilização, por alguma liberdade adquirida e pelos direitos firmados no concerto das necessidades biológicas da humanidade.

A primeira grande luta pela liberdade foi no dominio do pensamento. Os libertarios compreenderam que a liberdade de pensamento representava um dos bens da especie, que desenvolveria os conhecimentos, e com o saber se elevaria o grau de cultura dos povos. Mas, os autoritarios, representantes, legais das instituições estabelecidas, opuzeram-se a ela, argumentando que as grandes massas não sabiam usar do direito de pensar e que havia um numero reduzido de individuos capacitados, designados pelo poder divino, para pensar em nome do povo: As forças da igreja e do Estado estavam, pois, alicerçadas contra os libertarios. Assim mesmo, apesar do sacrificio de muitos idealistas, o pensamento entrou num periodo de ação revolucionaria.

A segunda grande conquista foi a da liberdade de palavra oral. Os inimigos da liberdade, aquéles que possuíam a força e os privilegios, negaram-se novamente á concessão desse direito. A igreja dizia ser perigoso permitir ao povo emitir opiniões. O Estado, que era nefasta a liberdade de palavra. Afirmava que o dever dos cidadãos não era pensar ou falar, senão obedecer. Depois de muitas perseguições e violencias, os libertarios venceram, e vitoriosos, continuaram a sua pregação de ampliar esses direitos.

A terceira reivindicação é a de liberdade de imprensa. Os mesmos velhos inimigos, que juntos se opuzeram aos direitos de pensar e de falar, continuaram sacrificando os martires da liberdade. A liberdade de imprensa demonstrou também ser um poderoso fator de progresso.

A quarta luta foi a de liberdade de reunião. De novo os libertarios encontraram os mesmos embaraços e os mesmos velhos argumentos. Não se podia permitir que o povo se reunisse livremente e discutisse as questões relativas á igreja e ao Estado. Também a liberdade de reunião saiu vitoriosa, ao menos em tese, porque por ela ainda hoje nos batemos.

A liberdade, em qualquer terreno que se tenha colocado, demonstrou a sua superioridade; além disso, os passos mais importantes no progresso da humanidade, seria impossivel da-los sem ela; e si a civilização caminha, deve-se á liberdade que se interpõe, ampliando-se indefinidamente, em todas as relações humanas.

Aqui está definida a diferença entre libertarios e autoritarios. Historicamente demonstra-se que os autoritarios nunca tiveram confiança na liberdade. Hoje, da mesma maneira, usando outras definições, põem-se ao serviço das ditaduras — fascistas ou comunistas. Os primeiros — os Libertarios — acham que se deve deixar o povo na maior liberdade de ação material e espirital, do melhor para o superior; entanto, os autoritarios, querem governar em nome do povo, almejam posições politicas, aceitam as deputações e os cargos publicos, restringindo por esse processo a liberdade das massas produtoras e dos homens livres.

O esforço dos libertarios, manifesta-se no sentido da liberdade que nega todos os privilegios e não aceita outras restrições que aquelas que são impostas por uma condição natural. Como condições naturais da sociedade são as relações entre os homens — que procuram promover a liberdade entre os agrupamentos humanos; isto é, liberdade igual e limitada por igual liberdade para todos.

A liberdade tem o seu lado positivo e o seu lado negativo. Repele a autoridade e a tirania, e afirma a equidade e a justiça. A verdade deve substituir ao erro, e este é o trabalho do lado positivo da liberdade. Liberdade quer dizer direito de construir o novo, assim como destruir o velho.

Assim, de conquista em conquista, caminham os libertarios para o comunismo anarquico. Comunismo: livre associação; Anarquia: não governo. Comunismo Anarquico: agrupação e concerto de afinidades.

Não aceitamos, os libertarios, o chamado comunismo de Estado. O Estado comunista, preconiza pelos partidarios da ditadura do proletariado, como meio de transição entre a burguesia e o comunismo anarquista, não passa de uma teorização reformista em face da realidade.

Libertarios:

Comunismo anarquista ontem, quando a revolução burguesa de 931

Comunismo anarquista, dentro da sociedade burguesa!

Comunismo anarquista amanhã, durante a revolução que realizaremos os trabalhadores e os homens conscientes e livres!

FRANCISCO CIANCI.

## Coisas da Republica Nova

NOVO SELO

Em homenagem ao proletariado acaba de entrar em circulação uma emissão de selos que constituem uma afronta aos principios de liberdade preconizados pelos movimentos proletarios da historia da humanidade!

Os movimentos revolucionarios do proletariado, em todas as épocas da historia foram feitos como consequencia dos movimentos científicos, determinados por factores em desequilibrio entre o passado místico e reaccionario, e o futuro racionalista e livre.

A figura do operário beijando a cruz, simbolo de mistificação e de mentira, é uma revelação de incapacidade na interpretação dos fatos históricos; é uma ignobil demonstração de má fé, porque os revolucionarios de 30 são insinceros, pretendendo mistificar o movimento revolucionario do povo brasileiro.

Não se fez a revolução, — ninguém, nem mesmo os que agora querem desvirtua-la são capazes de o afirmar —

para implantar no Brasil um regime de violencia organizada, que, manejado pela negra seita do clericalismo, imponha ao proletariado a submissão escrava dos vencidos e covardes.

O povo brasileiro, os trabalhadores do Brasil abriram os braços á revolução de 30, precisamente para conquistar a liberdade, para melhorar as suas condições economicas, para tudo menos para ser escravo de consciencia de trabalho.

E o selo posto agora em circulação afirma um triunfo de concepções retrogradadas, ha nele o proposito de mistificar e subverter os trabalhadores á tirania clerical.

Com selo, ou sem ele, a revolução se fará, não para trás, mas para frente.

JOSE ALVES DE LIMA

## "MUNIÇÕES PARA A REDAÇÃO"

A firma comercial Taranto & Comp. de Sorocaba, ofereceu-nos meio litro de tinta para escrevermos as nossas notas rebeldes.

Gratos pela oferta.

Os anarquistas querem suprimir o governo como domínio de uns sobre os outros, para estabelecerem o acordo mútuo entre todos, como necessidade da harmonia coletiva.

## ARVORE DE NATAL

Quico, ou o "filho da cozinha", como lhe chamavam em casa, perguntou à sua mãe:

— Mamãe, porque ha tanta festa hoje?

— Porque é dia de Natal, filho — respondeu-lhe a mãe, depenando um frango.

— E o dia de Natal é o dia em que nasceu Jesus?

— Sim.

— E para festejar esse dia, o patrão faz festa?

— Sim, porque o doutor e sua senhora são mui cristãos. Já vês: Haverá banquete, virão muitos convidados, muitos ricos com as suas esposas e filhos, e à noite se colocará a árvore de Natal.

— A árvore de Natal, mãezinha? Que lindo!

— E haverá brinquedos e doces.

— Brinquedos e doces, mãezinha? Que lindo!

— Oh, será uma festa esplêndida!

Me disse a copeira que virão mais de cinquenta crianças.

— Que lindo, mãezinha, que lindo! Como eu vou me divertir! Tu vais me vestir o meu traje de marinheiro, esse que era de Julinho, e que a patrão te deu para mim.

— E para quê, filho?

— Para ir à festa também, pois então? Ou a senhora pensa que eu me vou ficar aqui, na cozinha? Lá terá doces e brinquedos, mãezinha.

— Mas tu não foste convidado, Quico, como é que tu has-de ir? Essa árvore fazem-na os filhos do nosso patrão para os seus amiguinhos.

— E eu não sou amigo deles, mãezinha?

— Não, Quico, não!

— Nunca me viste jogar bola com o Julinho?

— Com o menino Julio, com o menino Julio; tu sabes que a patrão se aborreceu a outra tarde porque te ouviu chamar apenas Julinho: é o menino Julio, o menino Julio.

— Bom. Não me viste jogar bola com Julinho, com o menino Julio?

— Sim.

— Então, é porque sou seu amigo?

— Não, Quico, ele é filho do patrão, que é um senhor muito rico... e tu...

A mulher se deteve, tirou o frango depenado do tacho de agua quente e pegou outro.

— E eu quê, mãezinha? — interrogou o pequeno, que se havia ficado suspenso da frase anterior, com a boca aberta, e os olhos seguindo tudo quanto sua mãe fazia. Teve que perguntar novamente, porque sua mãe, talvez demasiado atarefada, não lhe respondeu logo.

— Eu quê, mãezinha? Que, mãezinha, eu!

— O filho da cozinha — lhe contestou por fim, em voz baixa.

Para Quico aquilo não esclareceu nada; ficou na mesma.

— Sou filho da cozinha? Já sei! E porque sou filho da cozinha... eu... acaso?

— Não podes ser amigo do filho do patrão.

— Quico ficou sem compreender ainda, aquilo era muito complicado para a logica reta dos seus onze anos: Se ele brincava com Julinho, porque não havia de ser amigo do Julinho? ficou uns segundos em silencio e mirando a mãe. Esta continuava atarefadíssima, depenando frangos. Tornou a perguntar-lhe:

— Mamãe, não sei porque eu e Julinho...

— O menino Julio e eu, se diz — corrigiu a mãe.

— Não sei porque eu e... o menino Julio, não podemos ser amigos.

— Mas eu não te disse já, menino? Porque ele é filho do patrão e tu és filho da cozinha...

— Mas eu não sei porque...

— Basta! concluiu, impacientando-se, a mulher.

— Olha, ajuda-me a deparar "essas papas" e não me perguntas mais! Me fazes perder tempo e ha muito que fazer.

Quico se poz a escolher batatas, resignado a não aclarar aquêle enigma; porque elle, Quico, filho da cozinha, que muitas vezes havia jogado bola com o Julinho ou com o menino Julio? e lembrou-lhe outra pergunta:

— Mamãe, porque a patrão se zangava se eu lhe chamo Julinho? Se todos lhe chamam Julinho?

— Zangava-se porque ele é filho do patrão e tu és filho da cozinha...

— E a mãe se calou.

— Ora, que explicação! pensou Quico, tanto ás escuras como antes, o filho do patrão e o filho da cozinha!

Sua mãe tudo lhe explicava com isto, e isto não dizia nada, ele nada comprehendia, nada, absolutamente!

Tornou a interrogá-la, tímido e principio:

— Mamãe...

— O quê?

— Mas acaso se zangava tu que elle me chame Quico a mim e não menino Quico?

— Rio-se a boa mulher.

— Que rapaz este, que lembrança a tua, filho! O filho do patrão chamando menino Quico ao filho da cozinha!... e caiu em gargalhadas.

O filho do patrão! o filho da cozinha!... outra vez! Seria tonta sua mãe, por, acaso? Não sabia responder ás suas perguntas de outra maneira, senão com essas duas frases?... e zangou-se por vê-la rir daquelle forma.

— Porque ris, mãezinha?

— Eu não sei porquê!

— Se elle não me chamar a mim menino Quico, eu lhe direi Julinho, Julinho, Julinho!

Gritava. Sua mãe té-lo calar, tambem zangada.

— Fôra! vamos, fôra da cozinha!

Quico saiu correndo. Fez consigo mesmo, em voz alta, este proposito: não voltarei até á noite, quando ponham a árvore de Natal!

E foi para a praia, a chapinhar na agua com outros rapazes, filhos de pescadores, seus amigos tambem, e aos quais não era preciso chamar menino Pãcho, nem menina Joana nem menino Pepe; senão Pancho, Joana e Pepe, sómente, porque suas mães não se zangavam com isso, como tambem a sua não se zangava porque lhe chamassem a elle apenas Quico.

Que se amole, com as suas exquisites a patrão, a mãe do Julinho! Sempre lhe fôra antipatica: tão seca, tão gritona! E Quico se vingou delá!

A sós, começou a gritar, até enrouquecer:

— Julinho, Julinho, Julinho, Julinho, Julinhooooo!

Alvaro Yunque.

## 'A Plebe' em Mato-Grosso

### A pátria é uma grandiosa tapeação...

Uma idéia, por mais risivel, absurda ou criminosa que seja, sempre encontra adeptos em qualquer parte que dela tenham noticia.

E' o que aconteceu com o "Integralismo", em Campo Grande, Est. de Mato Grosso.

Essa planta exótica que o sr. Plínio e seus respeitáveis sócios de batina querem á viva força enraizar nas terras do Cruzeiro do Sul, tem nesta cidade matogrossense uns seis "jardineiros", que assim se podem classificar: quatro papalvos, que jamais deixarão de ter nas mãos o regador e a enxada, e dois ambiciosos que esperam regular-se com as flores e frutos da "sobredita cuja" planta.

Os tais "jardineiros", para provar o seu zelo e capacidade de trabalho, principiam por lançar ao proletariado um boletim que é mesmo uma beleza de hortaliça. A linguagem do papelucho é veemente e unicamente libertária, copiada, com toda á certeza, de algum manifesto comunista ou anarquista; mas tudo se descoagece, ao finaliza com estas palavras ócas: — "Unamo-nos, para que a pátria se torne forte!"

Efetivamente, o que significa isso que determinada classe de gente por aí "apregoa e que denomina "pátria"?

Significa engodo, tapeação para o proletariado, em beneficio de majandros e exploradores.

E isto prova-se!

Senão vejamos: — O operariado campograndense pediu providencia ao governo, contra o construtor por-

tuguês Manoel Seco Tomé, que nunca cumpriu nem cumpre com as leis que protegem os que produzem. Resultado: ameaçaram o proletariado com cadeia, e pouco faltou para que três operarios fossem fuzilados!

Desses três operarios um é português, e queixou-se ao consul de seu país em S. Paulo. Mais tarde, uma comissão procurou o embaixador português, quando da sua visita a S. Paulo, e solicitou-lhe protecção para o seu patrio innocentemente perseguido. Depois foi uma chuva de officios ao mesmo embaixador, a lembrarem-lhe que o seu compatriota ainda não gozava de liberdade.

Resultado: passam-se três longos meses, os jornais do Rio, e de São Paulo comentam largamente o facto dos operarios estarem sendo perseguidos, e do consul ou do embaixador... nem um d'elles se interessaram ou interessam pela sorte do seu patrio que esteve na eminencia de perder a vida!

Mas não é tudo: Manoel Seco Tomé, o construtor, que é a alma principal desses atentados á vida e á liberdade de seus semelhantes, é o consul de Portugal em Campo Grande!!!

Por isso voltamos a repetir o que já acima dissemos: a pátria é uma grandiosa tapeação para o proletariado, em beneficio dos malandros e dos exploradores.

O contrario do que dizemos, que o demonstrem os srs. cultores do "Integralismo".

Alfredo D. Fernandes.

## E'cos da Primavera Libertaria

Temos ouvido varios comentarios a respeito do piquenique realizado no Parque Vila Luisiana, em beneficio de "A Plebe".

Todas as pessoas que nelle tomaram parte têm manifestado o seu regozijo por verem, realizados, em parte, os principios fundamentais do anarquismo, naquêlo aglomerado de idéas, sentimentos e interesses humanos, perfeitamente integrados no conceito da liberdade, do amor e da solidariedade.

Essa harmonia, esse espirito coletivo da moral anarquista mereceu reparos por parte de pessoas estranhas ao ambiente, que ali foram por curiosidade, e que ao terminar o ato festivo, expressaram as suas impressões, como por exemplo um medico, que não pôde calar a sua admiración e disse que estava maravilhado em observar como ali, num conjunto de mil e quinhentas pessoas aproximadamente, em plena liberdade, sem policia nem coação de especie alguma, reinava tanta harmonia, tanta camaradagem, que tudo aquillo parecia uma só familia.

São coisas do anarquismo.

Havendo ainda alguns camaradas

## "A Plebe" em Curitiba

### Reminiscencia da Colonia "Cecilia"

#### A PROPOSITO DA MORTE DO CAMARADA DANIEL DUSI

Em nosso numero anterior noticiamos que no dia 27 de novembro ultimo faleceu em Palmeira, Paraná, com 80 anos de idade, o velho companheiro Daniel Dusi.

Hoje tornamos a escrever sobre o companheiro falecido, por que o mesmo estava ligado a uma iniciativa grandiosa como um sonho, de repercussão internacional, architectada pelo romantismo libertario de ha meio século e que teve por teatro as terras paranaenses.

O camarada Dusi, embarcou na Italia, em 1890, rumo ao Brasil, não á procura de fortuna, como fazem e fizeram a maioria dos imigrantes cujo objetivo febril era e é o acumular riquezas problematicas para usufruto pessoal; elle partiu de sua terra natal com o coração transbordante de entusiasmo, para contribuir com o seu esforço para a realização da utópica experiencia comunista, que Giovanni Rossi (Cardias) havia tentado, fundando em Palmeira, Paraná, uma colonia, sob o nome de Colonia Cecilia. Essa experiencia não demorou muitos meses para desiludir a uns, arrefecer o entusiasmo de outros e a todos fazer gritar: utopia, utopia!

Verdade, que aquêlla experiencia, talvez, mais mal do que bem para a causa; mas é tambem inegavel que deixou exemplos praticos que nos foram utilissimos.

O iniciador de tal experimentação acreditava que a questão do comunismo libertario fosse só uma questão de meios: uma vez que estes fossem superados, o comunismo se tornaria praticavel de forma imediata, porque o homem se habituaria ao trabalho da coletividade; que os antagonismos sociais desapareceriam; que o homem, de um dia para outro, conquistaria o senso da mutua solidariedade, do trabalho comum e desinteressado. Poucos anos de experiencia e tudo isso desmoronava, fragorosamente, na mais amarga das desilusões, especialmente para aquêles que do conjunismo tinham uma vaga concepção e um entusiasmo superficial e que faziam da colonia um mito como os cristãos fazem do seu deus.

Isso, porém, não acontecia com aquêles que tinham para o caso uma

concepção idealista baseada e fundamentada sobre a logica da educação burguesa, e que sabiam tirar do exemplo um tesouro de observações; que, além dos meios que podiam dispor, fazia mister um trabalho educativo tenaz, consecutivo e convincente, e que isso não se podia improvisar da noite para o dia; mas que exigia um longo periodo de propaganda e de persuasão ao que ainda não pudemos conseguir alcançar.

Dusi pertencia a estes ultimos poucos, tão poucos, que se contavam pelos dedos da mão, que havia na Colonia Cecilia. Elle, modesto embora, nunca deixou de contribuir, durante 40 anos que dista daquela época, ao trabalho de preparação para alcançar o fim almejado, desde então.

Só com a morte deixou o trabalho de sementeira libertaria a que se dedicava com ardor e convicção.

Nós saudamos, com o coração transpassado de dor, ao camarada desaparecido, certos de que a melhor homenagem que lhes podemos prestar, é prosseguir na obra por elle interrompida, enquanto a vida nos der alento.

J. Agotani.

## "A Plebe" em Bariri

Companheiros de infortunios e de misérias, nunca vos deixeis arrastar pelas promessas e bajulações da burguesia e seus asseclas, porque todos os que vos aconselham a resignação e a paciencia, em nome de deus ou do diabo, têm em vista dominar-vos ou entregar-vos atados de mãos e pés ao dominio da exploração.

Repeli as insinuações mystificadoras das pregações clericais ou da demagogia fascista, porque essas manobras só visam escravizar ainda mais o proletariado, já bastante oprimido.

Tenhamos em vista as lutas que se estão travando em todas as partes do globo pela conquista da liberdade.

Devemos nos lembrar do heroico povo do Mexico, que atirou com a badralhada aos quintos, libertando-se desse polvo romano.

Ponhamos todas as nossas energias ao serviço da causa e do ideal.

Antonio Lopes.

que não devolveram os ingressos do piquenique, pedimos a todos que o façam, pois desejamos publicar o balancete no proximo numero.

## NA ZONA ARARAQUARENSE

Aos camaradas residentes em Santa Adélia, Inácio Uchôa, Matão, Rio Preto, Catanduva e outras localidades, avisamos que o nosso camarada Luis Pampolini, em viagem particular nessa zona, prontificou-se a proceder á cobrança e receber contribuições para a "A Plebe". Pedimos a todos os nossos leitores que facilitem o trabalho do nosso amigo Pampolini, pois o mesmo não pôde demorar-se muito em cada localidade.

## Aspectos pitorescos do Piquenique de "A PLEBE"

